



PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Natália Medeiros de Oliveira
Orientadora: Esthephania Oliveira Maia Batalha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – naatxym@gmail.com

Resumo do artigo: Este trabalho visa estabelecer a possível conexão entre a área de comunicação social e a educação da infância, por meio do trabalho de diálogos com autores como Freire (1977), Citelli (2004), Rêgo (1999), Soares (2014), entre outros. Também busca mostrar como o saber midiático é importante para o processo de aprendizagem da criança: fazendo com que ela tenha a autonomia necessária para criar e interpretar os significados do processo comunicacional. Essa temática tem sido bastante abordado nos últimos anos, dando origem ao campo que conhecemos como Educomunicação. As práticas que serão relatadas neste artigo foram desenvolvidas pela bolsista de comunicação social do Núcleo de Educação da Infância (NEI - CAp/UFRN) em parceria com a coordenação pedagógica e professores da instituição. Após o desenvolvimento dessas ações com turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, os professores responsáveis foram entrevistados e apontaram os principais aspectos da experiência do ponto de vista educacional. Foi constatado que as crianças que participaram dessas ações passaram a ter melhor desenvoltura, tornando-se mais participativas. Além disso, percebeu-se que elas puderam usar sua criatividade de forma mais livre e desimpedida, tornando a atividade mais atrativa para todas elas. Tendo em vista os benefícios da aplicação da Educomunicação na escola, sugere-se que, cada vez mais, os educadores possam fazer uso dessas mídias em sala de aula. Considera-se aqui a criança como ser social, cidadão de direitos, e produtor de cultura (KRAMER, 1999). Portanto, produtor também de conteúdos midiáticos, a partir do aprendizado dessa linguagem, e de acordo com a mediação do educador responsável.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educomunicação; Educação da Infância.

1. Introdução

Apesar de estar ganhando cada vez mais popularidade, a Educomunicação ainda não foi satisfatoriamente explorada no Brasil. Mesmo que a nova Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) demonstrem em vários momentos, como mencionado por Soares (1997), o quanto a escola necessita organizar projetos transversais com o intuito de trabalhar os veículos de comunicação - buscando medidas que possam romper a comodidade do sistema tradicional de ensino.

Os documentos também sugerem que o conteúdo trabalhado em sala de aula tente transformar a maneira tradicional da transmissão de conhecimento, para não ficar à parte das mudanças históricas vividas pela sociedade moderna e das informações que nos rodeiam diariamente. De acordo com Freire (1977), a educação não deve estar à parte das condições socioculturais dos educandos. No entanto, essa transformação ainda não foi totalmente concretizada no Brasil e muitos educadores continuam demonstrando receio de adotar tais mudanças.



Para eles, a educação é a transferência de “conhecimento”; consiste em estendê-los aos educandos passivos, com o que impedem nestes últimos e neles o desenvolvimento da postura ativa e coparticipante, característica de quem conhece. Esta falsa concepção da educação, que se baseia no depósito de informes nos educandos, constitui, no fundo, um obstáculo à transformação. Por isto mesmo, é uma concepção anti-histórica da educação. (FREIRE, 1977, p.80)

Ainda para Freire (1977), essa concepção errônea do termo “educação” detém a criatividade do educando, prejudicando seu aprendizado. Para mudar este cenário, a transformação deve contar com a participação das crianças no processo comunicacional, possibilitando assim, um diálogo no qual o educador possa problematizar o saber ao invés de entregá-las algo imutável e já previamente estabelecido.

Dentro deste contexto, destacam-se os dois objetivos deste trabalho que são: sistematizar conhecimentos acerca da relevância da Educomunicação para o cenário atual da educação brasileira e, descrever, além de refletir sobre práticas educacionais no contexto escolar. Para isso, serão usadas como base três das práticas desenvolvidas pela bolsista de Comunicação Social do Núcleo de Educação da Infância (NEI – CAp/UFRN) entre o período de maio/agosto de 2016 com a Turma 1 da Educação Infantil e com o 3º ano do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, adotamos a perspectiva de que as crianças são autoras de suas próprias histórias, pois admitimos a concepção de que elas são sujeitos sociais e políticos, portadores de suas próprias competências (BUCKINGHAM, 2005). Também as consideramos como indivíduos autônomos e ativos socialmente, capazes de produzir cultura, e que devem participar como protagonistas do seu processo de construção de aprendizagem (SARMENTO, 2005).

Para avaliar o aspecto qualitativo das atividades desenvolvidas com as crianças, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os professores responsáveis pelas turmas (ver apêndice A), na qual os educadores apontam os principais pontos de suas experiências. Todos os diálogos foram registrados com a permissão dos colaboradores e, a partir dessa entrevista, foram coletados os dados necessários para consolidar este estudo.

2. Alguns apontamentos sobre a Educomunicação



Não é de hoje que a educação brasileira alimenta certo medo pela chegada invasiva dos meios de comunicação e, muitas vezes, isso faz com que ela se esqueça de que as mídias já estão dentro das escolas, mesmo que involuntariamente. O que acontece frequentemente é que a escola já está tão mecanizada com o ensino tradicional, que acaba por deixar de lado os aspectos culturais em que os alunos estão inseridos do lado de fora da instituição. De acordo com Borges (2009), apesar da rejeição e relutância de uma grande parte das escolas, a integração da mídia na educação já está acontecendo.

A escola não pode, pois, ignorar que os fenômenos da globalização e do multiculturalismo se configuram, hoje, em novos e diferenciados cenários sociais, políticos e culturais e, que o impacto destes processos no cotidiano escolar está adquirindo maiores proporções, causando profundas alterações. (BORGES, 2009, p. 31)

De acordo com Soares (2014), a própria comunidade deu origem a Educomunicação por causa da busca pela solução em vários problemas já existentes na área da comunicação. O termo começou a ser usado na década de 1980 em citações da UNESCO e também passou a ser mencionado por autores como o jornalista uruguaio Mário Kaplún, que tentou conceituar o que normalmente era caracterizado como, segundo BORGES (2009), “leitura crítica da comunicação”. Paulo Freire também é importante neste estudo, visto que de acordo com a sua concepção da educação em Freire (1977), a comunicação se faz necessária para a constituição do saber. Percebeu-se assim, que a comunicação não é apenas uma ordinária ferramenta tecnológica, mas sim, um elemento educacional essencial para a educação de todos.

Ainda neste contexto, Soares (2002) propõe o conceito de Educomunicação como uma área propicia a idealização de projetos, além da realização de políticas comunicacionais e educacionais, intermediando o uso de mídias e tecnologia, buscando conceber e fortalecer ecossistemas comunicativos e pedagógicos, como também, oferecer melhorias às práticas educativas, inserindo e integrando práticas pertinentes a utilização de recursos midiáticos e informativos no processo de aprendizado. Partindo do entendimento de que as mídias já se fazem presentes na escola, a função desse profissional de comunicação na instituição é promover a alfabetização midiática no sentido de colaborar com os docentes da instituição a trabalhar com as crianças o uso consciente das mídias. Além também do protagonismo dessas crianças em não apenas consumirem essas mídias, mas atuarem na sua produção.



De acordo com Citelli (2000), a educação possui uma demanda emergencial em exercer diálogos com a comunicação. A escola brasileira sofre tantas crises justamente por sua organização pedagógica não estar adequada ao novo ambiente sociocultural dos alunos. Atualmente, o cotidiano das crianças é cercado por novas tecnologias que se renovam diariamente, tornando os moldes da educação tradicional, também obsoletos. Faz-se necessário introduzir o aluno a um modelo de educação participativo, onde ele possa despertar sua criatividade e sinta-se atraído pelo conteúdo que está sendo estudado – pois não é algo que está distante da sua realidade.

Essa geração emergente de alunos não possui objeção ao apossar-se do universo das mídias e das tecnologias. Eles já estão acostumados de tal maneira a essa cultura, que ficam estarecidos quando, na escola, encontram uma cultura completamente oposta. E ainda, como acontece na maior parte dos ambientes escolares, seu contexto sociocultural é totalmente ignorado, desdenhando assim, do valor da comunicação nessa construção de conhecimentos desses educandos. Dessa forma, “o saber midiático e saber escolar se opõem e expõem os alunos a "culturas" diferentes” BORGES (2009, p. 38)

Segundo Freire (1995) é necessário repensar as práticas educativas e notar que não é indicado ao aluno aprender apenas a ler ou escrever códigos e significados de letras, se ele não consegue ler o mundo, não tem uma noção ampla da realidade fora do prédio escolar. E também cabe ao educador levar em consideração a bagagem de conhecimento que essa criança já carrega consigo, dando continuidade na aprendizagem. Ainda nesse contexto, Borges (2009) afirma:

A maioria dos professores aponta a falta de atenção, interesse e compromisso por parte dos alunos como possíveis causas do fracasso escolar. Ora, alunos e professores vivem num espaço social recheado de mensagens digitais, televisivas, radiofônicas, jornalísticas etc., contudo, salvo preciosas exceções, a escola parece ignorar o que acontece à sua volta, formando em seu bojo um problema de leitura. Não é cabível delegar à escola apenas a função de ensinar a pessoa a codificar e decodificar a escrita, mas vez que isso não é leitura, mas também a de inserir-se em práticas sociais. (BORGES, 2009, p. 42)

Devido a todos esses aspectos apontados acima e de acordo com Borges (2009), sugere-se que a educação se adeque às demandas da sociedade e se aproprie das oportunidades produzidas pelas mídias e tecnologia, estendendo sua atuação para fora da instituição, auxiliando assim, na construção de um



cidadão independente e participativo. Assim como também é essencial e emergencial para a comunicação expandir sua maneira de trabalhar, é essencial que o jornalista procure colaborar com o desenvolvimento do cidadão e com a transformação do corpo social. É possível projetar uma educação de qualidade que prepare o indivíduo para a realidade que existe no mundo fora da escola, desde que a educação aproprie-se dos conhecimentos que a comunicação pode disponibilizar.

3. Breve histórico do Núcleo de Educação da Infância

O Núcleo de Educação da Infância (NEI – CAp/UFRN) é referência nacional em termos de inovação no ensino. Fundado em 1979, funciona como Escola de Aplicação vinculada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e ao Centro de Educação - CE. Hoje, a escola atende desde o berçário até o 4º ano do ensino fundamental, oferecendo vagas para crianças da comunidade em geral. Além disso, o NEI oferece todo o apoio e suporte necessário para graduandos da UFRN que desejem cumprir estágio supervisionado ou elaborar projetos de pesquisa e extensão – tornando-se um laboratório de prática para muitos alunos. Frequentemente também, a própria instituição promove eventos e cursos de extensão ou aperfeiçoamento para docentes e alunos da graduação e pós-graduação.

Nesse contexto, ressaltamos a metodologia de ensino aplicada no Núcleo de Educação da Infância, intitulada de “Tema de Pesquisa”. Por meio dela, a dinâmica pedagógica é viabilizada no NEI, tendo como objetivo, segundo Rego (1999), articular três aspectos principais: o contexto sociocultural das crianças, o nível de desenvolvimento do grupo e os conhecimentos construídos no decorrer da história da humanidade. Nessa opção metodológica, a criança tem direito de sugerir ao professor o assunto sobre o qual deseja aprender, quais são suas dúvidas e curiosidades, cabendo ao professor filtrar todas as sugestões até chegar ao assunto que tenha mais relevância para o grupo.

O uso do Tema de Pesquisa foi a forma que escolhemos para articular três dimensões básicas: o conhecimento das áreas de conteúdo que quer tornar disponível, o contexto sociocultural das crianças, ou suas realidades imediatas, e os aspectos vinculados diretamente à aprendizagem. (RÊGO, 1999, p. 61)

Essa metodologia está sendo aplicada no NEI há cerca de 30 anos e, ainda de acordo com Rêgo (1999), é uma maneira de levar em consideração as vivências e valores socioculturais dos alunos. É uma forma de reconhecer



que eles já chegam à escola com uma bagagem de ideias, conhecimentos e emoções, não podendo o educador abster-se da realidade vivida pelas crianças fora dos muros da instituição. O que se entende por tema de pesquisa no NEI foi inspirado nos temas geradores de Kramer (1999). Partindo dessa perspectiva, existem três critérios básicos que devem ser considerados para a definição do Tema de Pesquisa:

- a) Contexto Sociocultural das Crianças: É sugerido que se leve em consideração o cotidiano e vivências do educando.
- b) Áreas de Conteúdo: São os conhecimentos tradicionais nas áreas de Linguagem, Matemática, Ciências Sociais e Naturais.
- c) Nível de Desenvolvimento das Crianças: Pede-se que as diferenças físicas e psicomotoras, além do ritmo de aprendizagem e pensamento de cada criança seja respeitado como característica própria.

O NEI propõe, em sua asserção, que o professor não estruture suas aulas a partir de lições prontas que em nada consideram o discernimento lógico da criança ou que estejam aquém da situação do aluno fora da escola. De acordo com Rêgo (1999), as temáticas trabalhadas em sala devem propiciar um pensamento crítico, além da compreensão da realidade como um todo - devem fazer sentido no contexto sociocultural e ambiente em que a criança está inserida. O Tema de Pesquisa necessita originar-se do questionamento das crianças, questionamentos esses que necessitam de uma resposta. E, a partir dessa integração do assunto com o grupo, as curiosidades vão sendo saciadas. Outro fator a ser observado é que desvendar a resposta de seus questionamentos anteriores gera nas crianças uma curiosidade sobre outros aspectos relacionados ao mesmo tema.

Portanto, esse tema não se configura apenas em um conglomerado de saberes sobre o objeto de pesquisa, porém, antes de tudo, caracteriza-se como um causador de formação, resgate e expansão das mais variadas e relevantes informações. Corroborando com essas ideias, podemos dizer que faz se necessário a presença do profissional da comunicação no NEI, já que a comunicação é um aspecto inerente ao processo educativo.

4. Práticas educomunicativas desenvolvidas no NEI

Ao contrário das escolas convencionais, no NEI, a criança é vista como sujeito ativo, que produz cultura, que participa com autonomia do seu processo de construção de aprendizagem. O Colégio de Aplicação da UFRN foge à regra da maioria das escolas que desconsideram esse contexto sociocultural das



crianças, além de ser um modelo no uso de mídias e tecnologia em sala de aula. Neste contexto, o Núcleo de Educação da Infância torna-se um ambiente propício para o desenvolvimento da Educomunicação. A seguir, serão relatados três dos projetos desenvolvidos que podem ser usados como exemplo de práticas educacionais na educação básica.

4.1. Projeto Histórias em Quadrinhos

Este projeto originou-se pela busca de um tema para apresentação da turma na III Amostra Cultural do NEI – CAp/UFRN. Histórias em quadrinhos foi o tema de maior interesse estudado pelas crianças do 3º ano do ensino fundamental do turno vespertino, enquanto elas aprendiam sobre os gêneros textuais. Ao ver o engajamento da turma, foi proposto que elas produzissem suas próprias histórias para serem exibidas e, ainda na Amostra Cultural, promovessem uma oficina de desenhos em quadrinhos para os visitantes.

Foi então que surgiu a ideia de fotografar os próprios autores e depois usar de recursos para edição e montagem de imagens para transformá-los nos personagens que haviam criado. As fotografias foram feitas sem a necessidade de sair do prédio da escola. Em uma sala vazia, foi adicionada uma tela de cor branca para ser usada como plano de fundo e as crianças trouxeram de casa os objetos que seriam necessários para a montagem do cenário. O entusiasmo demonstrado pela turma ao saber que seu desenho se tornaria real era visível e transparente, enquanto todos tentavam sugerir as adições ou efeitos que deveriam ser feitos durante a etapa da edição e esperavam ansiosos para ver o resultado final.

A turma foi dividida em sete grupos e cada um deles montou sua própria história. A atividade permitiu que eles pudessem liberar sua criatividade ao mesmo tempo em que usavam ao máximo sua imaginação. Os enredos contavam com as mais variadas temáticas, como por exemplo: uma família que vive viajando pelo espaço sideral, um aniversário comemorado nos parques da Disney (com direito a show particular da cantora e atriz Larissa Manoela), uma aventura de sobrevivência e caça ao tesouro na floresta Amazônica, uma batalha de Pokémons, dentre outros que foram escritos da forma mais criativa possível.

Quando a etapa da edição finalmente começou, os grupos foram trazidos aos poucos para acompanharem o processo. Além disso, as próprias crianças entregaram seus roteiros que serviriam para guiar essa edição. Eles estiveram presentes a maior parte do tempo e eram sempre consultados quando era preciso fazer alguma mudança. O grupo da família do espaço, por exemplo, pediu que fosse adicionado um fundo de



céu estrelado que remetesse o lugar onde deveriam estar, além de um planeta que ficasse no chão onde eles deveriam pousar e uma casa que era essencial para a história.

O resultado final os deixou surpresos. Os tamanhos de seus corpos foram comparados com a imagem da tela, suas expressões nas fotos foram observadas e eles adoraram ver as falas estruturadas em balões idênticos aqueles que veem ao ler um gibi. Por mais que tenham participado ativamente de todo o processo, o fato de poderem ver a si mesmo dentro de uma história em quadrinhos os deixou maravilhados e ansiosos para o dia da Amostra Cultural, onde irão poder compartilhar suas histórias com todo o público do evento.

4.2. Mini documentário: desvendando o mundo dos tubarões

O mini documentário “Desvendando o mundo dos tubarões” foi realizado como uma forma de documentar o conhecimento construído no 1º trimestre de 2016, durante o estudo do tema de pesquisa “Tubarão” na turma 1 da Educação Infantil, com crianças na faixa etária compreendida entre 2 e 3 anos de idade. A prática desenvolvida foi um desafio, pois como as crianças ainda são muito pequenas, algumas delas se sentiram intimidadas por saberem que seriam filmadas. Mesmo assim, explicamos abertamente como e porque a gravação seria feita, além do significado de um vídeo e se eles realmente gostariam de fazê-lo. A maior parte deles acabou esquecendo a timidez ao saber que seus pais iriam assistir ao vídeo no qual eles mostrariam o que aprenderam no trimestre letivo – o mini documentário seria mostrado na reunião de pais que aconteceria em breve.

No dia da gravação, as crianças foram avisadas do que aconteceria, mas não houve roteiro entregue para que elas seguissem. Foi registrado o momento em que cantaram uma música sobre o tubarão e depois todos sentaram no chão em frente ao mural que foi preparado com todas as informações reunidas durante o estudo sobre o animal. Foi nesse momento que perguntas começaram a ser feitas e os educandos passaram a responder de forma espontânea tudo o que sabiam.

Algumas mais interativas e discursistas que outras, mas todas fizeram sua colaboração ao vídeo. Até mesmo uma criança com necessidades educacionais especiais (Síndrome de Down) não deixou passar a oportunidade de dizer que os tubarões se alimentam de tartarugas. Depois do primeiro momento em que todas respondiam juntas apontando o qual era o nome das partes do tubarão, eles foram chamados individualmente ou em grupos menores para dizer mais detalhadamente o que sabiam. Dentre as perguntas mais respondidas estavam a alimentação do tubarão, o nome dos membros do

corpo desse animal e os tipos de tubarões encontrados na natureza. Ainda assim, algumas crianças foram bem mais além, expondo que o tubarão sente dor quando é machucado e o quanto é errado caçar os tubarões.

Por serem crianças pequenas, não houve muita participação durante a edição, mas depois que o vídeo foi editado, elas ficaram admiradas com a experiência. Puderam ver a si mesmas em vídeo como se fosse aquele programa tão distante que elas veem na televisão. Saber que puderam mostrar aquilo que sabiam para os pais e para os colegas de uma forma tão divertida, despertou consideravelmente o interesse da turma por essa mídia.

4.3. Videoclipe: Muitos chocolates

O Tema de Pesquisa eleito pelas turmas do turno vespertino no componente curricular música foi o “Rock” e a ideia do videoclipe foi proposta com o objetivo de ser usada na apresentação do 3º ano do ensino fundamental no Recital de Música do NEI – CAp/UFRN no qual elas escolheram uma performance do estilo musical *Indie Rock*. Antes do início das gravações, as crianças puderam ser ambientadas a essa mídia. Foram ministradas algumas aulas voltadas para o significado de “videoclipe”, o que faz o videoclipe ser o que ele é e o que o diferencia de um documentário, programa de TV ou filme. Tudo isso com a participação efetiva das crianças, onde elas compartilharam tudo que já sabiam antes da escolha do tema e fizeram seus questionamentos que precisavam ser respondidos.

A música escolhida foi “Muitos chocolates” do grupo musical Banda do Mar e, depois da escolha da música, foi feito o roteiro de como seguiriam as gravações. Optou-se por seguir a linearidade da canção com as imagens, ou seja, tentou-se ao máximo reproduzir em imagens e ações aquilo que era cantado – com exceção do refrão, no qual foi preferível que as crianças apenas dançassem e pulassem com seus balões, assim daria oportunidade para que todas aparecessem igualmente no clipe. Grande parte deles queria ser protagonista e, por isso, houve um rodízio de quem protagonizava as ações no decorrer da música. De uma forma ou de outra, todos conseguiram participar. Toda essa prática foi realizada no horário de aula e dentro da própria escola. Tanto os alunos quanto os professores trouxeram as roupas e objetos necessários para o cumprimento do roteiro e tudo foi organizado de forma que as crianças sugeriram o que fazer, assim, na hora de gravar, todos já sabiam suas posições em que ficariam e os papéis que iriam exercer.

O vídeo foi levado para edição onde as cenas foram mescladas e o áudio da música selecionada foi adicionado. A proposta de fazer algo



divertido e caseiro, com certeza foi cumprida: o resultado final agradou a todos os expectadores, tanto crianças quanto adultos. A turma ficou impressionada com os efeitos acrescentados no vídeo, a junção das imagens e o fato de poder se ouvir apenas o áudio da música – sem que se pudesse ouvir o que eles falaram no momento da gravação. Sem dúvidas, todos adoraram a experiência de gravar e depois assistirem a si mesmos como se fossem atrizes ou cantores famosos que têm seus videoclipes exibidos na TV e na internet.

5. Depoimentos dos docentes responsáveis

Foram entrevistados os educadores que, em parceria com a bolsista de comunicação social, foram responsáveis pelas práticas desenvolvidas. O modelo usado foi uma entrevista semiestruturada (ver apêndice A), onde as respostas poderiam ser dadas de forma livre, e o tema abordado foi o ponto de vista educacional em relação a todos esses procedimentos feitos com o uso das mídias.

A entrevista mostrou que, de acordo com os professores, o trabalho com as mídias já é agregado aos temas de pesquisa de tal modo, que não há como desvinculá-los. As crianças se sentem mais engajadas e interessadas transformando a atividade em algo prazeroso e motivador. Devido ao fato da grande maioria já entender sobre o assunto, pois convivem com ele diariamente em seu cotidiano, o uso das mídias e tecnologias não lhes causa estranheza. Elas já chegam à escola com uma grande bagagem midiática, e trabalhar com aquilo que pertence a sua rotina, os deixa bem mais motivados. Também foi observado que, principalmente com as crianças menores, o uso de recursos midiáticos facilita o seu entendimento acerca do conteúdo proposto, e ainda toda a aula mais divertida. Ainda segundo os próprios professores, o uso das mídias e tecnologia na escola cria uma harmonia em relação às suas vidas fora da instituição. Como disse um dos educadores:

“Por meio das práticas realizadas, eles passam a entender suas possibilidades e isto abre seus horizontes, propiciando para eles a ideia de que não são apenas reprodutores ou observadores, mas que são capazes de criar e produzir aquilo.” (Professora A – 3º ano do Ensino Fundamental)

A grande diferença notada é a reação dessas crianças ao assistir ou ver sua própria produção. A metodologia do NEI que permite aos educandos tomarem para si o protagonismo de seu aprendizado favorece também que, durante o



estudo das mídias, elas possam se apropriar e ter a autonomia necessária para entender e decodificar os significados da comunicação, enquanto produzem suas próprias produções midiáticas.

6. Considerações finais

Corroborando com as ideias de Rêgo (1989), a metodologia de ensino aplicada no NEI não se fundamenta em passar o conhecimento para o aluno de forma unilateral, mas sim, organizar um diálogo de forma que aquilo que é dito por eles seja levado em consideração. Também é importante usar a educação como uma ferramenta de percepção da realidade ao invés ignorar a situação sociocultural da criança, além do avanço tecnológico que essa nova geração está vivenciando.

Conforme mencionado por Borges (2009), a integração entre os meios de comunicação e tecnologias na educação já está acontecendo e, embora muitas escolas ainda tenham receio de reformular suas práticas, esse assunto não deve ser deixado de lado. Além disso, também é imprescindível que os profissionais da comunicação repensem suas atitudes e passem a contribuir também com esses cidadãos em formação, através de medidas e projetos educativos. Como foi mostrado durante este estudo, o papel do educador é de mediar essas duas áreas com a intenção de fazer aquilo que ambas, sozinhas, teriam mais dificuldade para alcançar. Assim, destaca-se a relevância da abordagem desse tema, pois ainda são poucas escolas brasileiras que empregam esse modo de pensar.

Os principais resultados nos mostram o quanto a alfabetização midiática vinculada a coparticipação do aluno na construção dos saberes e ao fato de entender a criança como um sujeito produtor de cultura podem ser benéficos para o processo de aprendizagem. Da mesma maneira que o uso das mídias desperta o interesse e a motivação dos educandos, tornando a atividade mais prazerosa e muito mais divertida.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. **Educación en médios**: alfabetización, aprendizaje y cultura contemporânea. Ediciones Paidós, 2005.

BORGES, Queila Cristina Goes. **Educomunicação e Democracia na Escola Pública**. São Paulo: 2009.



CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: A Linguagem em Movimento**. São Paulo: Senac, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

KRAMER, Sônia. **Infância e Educação Infantil**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. O Currículo em Movimento. **Caderno Faça e Conte**. Natal: EDUFRRN, Nº 1999.

SARMENTO, M. J. **Geração e alteridade**: interrogação a partir da Sociologia da Infância. *Educação & Sociedade* (Campinas), v.26, n.91, p.361-78, mai.-ago. 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. Lei de Diretrizes e Bases e a Comunicação no Sistema de Ensino. **Comunicação & Educação**, São Paulo: ECA/USP-Editora Moderna, 1997.

SOARES, Ismar de Oliveira. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (Org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação**. São Paulo: Editora Paulinas, 2014.

APÊNDICE A - Entrevista semiestruturada

1. As crianças se sentiram mais motivadas ao realizar as práticas envolvendo mídias?
2. Há alguma mudança significativa em seu comportamento quando realizam esse tipo de atividade?
3. Qual sua opinião, como professor (a), sobre o uso da mídia integrado a educação?